



DIÁRIO OFICIAL
EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano II - nº 13
Vitória-ES
Dezembro de 2012
Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



O velho Rubem:

uma visão familiar de um dos maiores cronistas brasileiros

Nesta edição: Jordan Fernandes Santos **Álvaro Abreu** Joaquim Ferreira dos Santos **Luiz Tadeu Teixeira** Robyson Vilaronga **Kênia Lyra** Jefferson Gonçalves Correia **Carlos Antolini**

USE E ABUSE

12 de janeiro - Rubem Braga faria 100 anos

Rubem Braga, um dos maiores escritores brasileiros, nasceu no dia 12 de janeiro de 1913, em Cachoeiro do Itapemirim e faleceu em 19 de dezembro de 1990. Neste ano, para comemorar o centenário de nascimento de um de seus filhos mais ilustres, o Palácio Anchieta abrigará uma exposição interativa sobre a vida e a obra deste autor que tanto honra a literatura brasileira.

Documentos, imagens, objetos pessoais, projeções, fotografias e publicações irão compor a exposição-homenagem realizada pelo Governo do Estado do Espírito Santo, com curadoria de Joaquim Ferreira dos Santos. De janeiro a abril o público capixaba poderá percorrer os espaços expositivos do Palácio Anchieta e interagir com aspectos da vida e da obra daquele que se tornou um cronista de talento único e de sensibilidade aguda retratando em suas mais de 15 mil crônicas a alma humana em todas as suas dimensões.

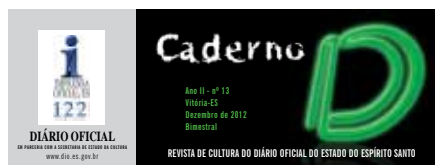


Segundo Carlos Nejar, RB “era um lírico, enamorado de sua terra Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo, e dono de uma infância interminável. Quando se pensa que termina, reinicia, tal é a elegância de seu verbo, o esplendor de suas descrições, como se tivessem o raro condão de encantar o que tocasse, encantar de eternidade.”

Rubem Braga com todo seu bom humor assim definia sua crônica:

“é viver em voz alta”. E completava “se for aguda, não é crônica.”

De todos os filhos ilustres de Cachoeiro de Itapemirim e do Espírito Santo – Roberto Carlos, Sergio Sampaio, Luz del Fuego, dentre outros -, Rubem Braga talvez seja aquele que melhor definiu a alma e o temperamento do capixaba. Vamos conferir relendo suas crônicas e desfrutando sua exposição



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE
Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA
Vice-Governador

ALCIO DE ARAÚJO
Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

MIRIAN SCARDUA
Diretor Presidente

SAMIRA MASRUHA BORTOLINI KILL
Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR
Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

MAURÍCIO SILVA
Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL
Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA
Subsecretária de Patrimônio Cultural

CHRISTIANE GIMENES
Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Capa

Rubem Braga com as irmãs Gracinha Braga de Abreu e Yedda Braga Miranda
Foto Álvaro Abreu

Este Caderno pode ser
acessado nos sites
www.dio.es.gov.br
e www.secult.es.gov.br



Comunidades *Quilombolas* do Norte do Espírito Santo

No norte do Estado abrigam-se várias comunidades quilombolas, onde se mantêm vivos os seus costumes e tradições, como por exemplo: o cultivo da mandioca e a produção do biju, a dança do jongo, presente nas festas comunitárias; na oração, as ladainhas, e etc..

Nos meses de julho e agosto/2012, a Secretaria de Estado da Cultura (Secult) lançou um projeto pioneiro na área de arte e Cultura Popular – Assuntando o Corpo de Baile, levando para as comunidades de São Cristovão (São Mateus) e Linharinho (Conceição da Barra) oficinas de dança afro, junto com Mestres de Cultura Popular da própria localidade, valorizando assim as comunidades quilombolas, não esquecendo suas tradições e raízes, mas potencializando-as e enriquecendo-as com outras linguagens artísticas.

Na comunidade de Linharinho, em especial, nota-se a forma carinhosa e aconchegante de como se relacionam. Com o formato do coração que pulsa, eles têm uma maneira de se aproximar e conversar um bem perto do outro, e toda relação é bem verdadei-

ra, com muitos sorrisos, toques e abraços. Já na comunidade de São Cristovão, é no canto que se pode ver a força dessa comunidade, que para cada atividade, uma cantiga é entoada.

A valorização e o respeito cultural e territorial são pontos extremamente importantes para essas comunidades. Vale destacar que ainda, nos dias de hoje, religiosos inibem alguns festejos quilombolas dizendo que "tais atos desagradam a Deus"; e é na política onde se encontra o maior problema, pois está relacionado com a liberação de territórios que, sem dúvida, lhes pertencem.

O tambor é um elemento de muito valor em Linharinho, Conceição da Barra. Então, por que tirá-lo de lá, sendo que desde sua origem ele esteve presente e deu força a toda essa comunidade, para que celebrem a vida lá até hoje?

Que os tambores ecoem em todas as comunidades quilombolas, dando-lhes força e bastante energia, para que continuem a viver lindamente com esse coração que pulsa cheio de cultura, alegria e que anseia por uma política que valorize o povo. ■



Jordan é bailarino e professor de dança contemporânea. Integrante da Homem Cia. De Dança

CAPA

Rubem em fam

Rubem Braga foi um homem singular. Pelo que escreveu, pelas atitudes que tomou, pelos amigos que fez e pelo que sei de seus cuidados com sua família.

Assustado com as mortes do cunhado Bolivar e do irmão Newton, em meados de 1962, desistiu do cargo de embaixador em Marrocos. Ao chegar de volta, mandou um carro pra que levássemos mamãe ao trabalho. Por muitos anos, reforçou o minguado orçamento lá de casa. Dele ganhei uma bela máquina fotográfica. Agradeceu com um sorriso maroto o suporte que fiz para seu pincel de barba francês, que teimava em cair no chão do banheiro.

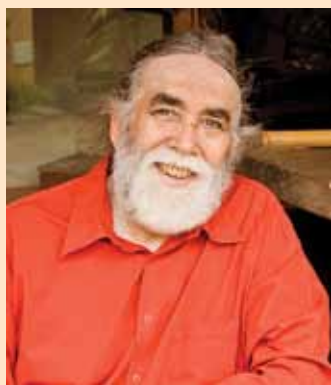
Tinha o hábito de conversar diariamente com a irmã Yedda sobre o noticiário dos jornais e muito ciúme da irmã Gracinha, chegando mesmo a desestimular um de seus amigos, dizendo que mamãe tinha cinco filhos e que os meninos comiam muito. Era um homem sem jeito, sobretudo com crianças. Tímido e avesso a pappicos, não participou da solenidade de inauguração da Casa dos Braga, onde nasceu. Mandou um pequeno texto, que foi lido pela irmã caçula em palanque repleto de autoridades.

Era guloso e aflito na hora de comer requeijão Santa Alice, broa de milho e docinho de jaca. Não gostava de moqueca, porque levava cebola. Contam que, em Cachoeiro, homem feito, foi

para a rua com um saquinho de torresmo no bolso, feliz da vida. Tinha o passo rápido, difícil de acompanhar. Foi um bom nadador. Numa das últimas vezes em que esteve aqui, quis dar umas braçadas no mar de Meaipe, com vento sul e tudo. Mulherengo convicto, lembro-me dele todo perfumado e com uma empolgação juvenil pedindo sugestões de perguntas para entrevistar Rita Lee, de quem era fã.

Rubem era totalmente dependente de Momi, sua secretária por décadas, e de Cosme, seu motorista. Barbeiro, parou de dirigir. Boêmio, esquecia onde tinha estacionado o carro nas madrugadas. Dormia aos pedaços. Deitar na rede da varanda era sinal de preguiça e de fim de papo iminente. Dengoso, adorava gemer. Reservadíssimo, falava pouco e jamais comentava o que escrevia. Gostava de roupas folgadas e de sandália de couro. Nas viagens, carregava carteira, óculos e caderneta de anotações num embranal de pano.

Por prudência, pedia-se autorização para ir visitá-lo. Era muito bom ficar escutando Vinícius, Millor, Fernando Sabino, Joel Silveira, Chico Buarque e tantos outros. Dizem que juntos beberam, peça por peça, o carro que ele trouxera do exterior. Rubem mantinha as amizades. Em Vitória, começava procurando por Marien Calixte, Rogério Medeiros e Renato Pacheco.



Álvaro Abreu, sobrinho de Rubem Braga é engenheiro, cronista e colhereiro



fotos Vítor Nogueira

Álvaro Abreu

alvaro@bambuzau.com.br

ília

Com alma de repórter, quis saber tudo sobre os impactos da siderúrgica que queriam construir em Tubarão.

Amante da natureza à moda antiga, adorava mostrar o seu corruipião desatando os nós que dava num barbante. Há quem diga que o viu chorando no enterro de Ruschi. Os dois se tinham em altíssima conta e se associaram na defesa das matas e dos bichos. Braga virou nome de orquídea, batizada pelo amigo.

Fomos ao Rio para as despedidas. Sentados ao lado dele no banco do jardim, foi difícil engolir os pedaços da goiaba que ele mesmo tirou do pé. ■



Um século de *Rubem*

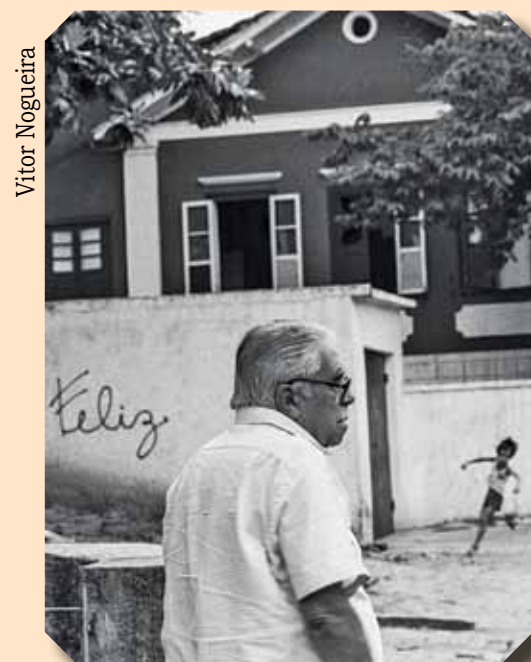
Ele ensinou muito do Brasil aos brasileiros. Levou a roça para a casa das pessoas, a sabedoria da roça, o sentimento dos ermos rincões, o ar perfumado do começar das chuvas. Borboletas, condes, pés de milho, lavradores, comerciantes de burros, pescarias, frutas, o sabor, o brilho e o cheiro das frutas. Histórias de infância, contemplação das tempestades e trovões; e as mulheres, sempre as mulheres.

Rubem Braga é, de longe, um dos maiores escritores brasileiros; basta perguntar a qualquer bamba da literatura nacional que a confirmação será unânime. Mas o Espírito Santo demorou por demais a usar isso ao seu favor. Nossa identidade está em sua literatura.

Embora tenha vivido a maior parte da vida no Rio, com passagens por Marrocos, Paris, Recife, Porto Alegre e outras paragens; onde quer que tenha vivido, sempre ia junto com ele o matuto capixaba, impregnado nas palavras simples, entre a economia de suas vírgulas e os períodos generosos está sempre lá o capixaba que, sem ser exatamente cosmopolita, flerta com o multiculturalismo, mesmo que remando num batelão ou pescando traíras. Rubem criou um ritmo que poucos conseguiram imprimir nos seus textos. Jornalismo puro, literatura pura. Rubem viveu em voz alta suas impressões, traduzidas no canteiro e terral de suas crônicas.



João Moraes é Escritor e documentarista



Vitor Nogueira

Sabia perfeitamente do valor das goiabas, a relevância das jabuticabas, das imprescindíveis mexericas, o clamor dispensável dos homens e a imperativa existência das mulheres.

Admirado e frequentado por amigos - de Dorival Caymi a Pablo Neruda -, Rubem sempre foi muito querido por todos. Eram poucos, muito poucos e bons. Foi ele que, junto com Fernando Sabino, lançou no Brasil os livros de Mario Vargas Llosa, Jorge Luis Borges, J. D. Salinger e Gabriel Garcia Marques. Não é pouco. Se Rubem estivesse vivo faria cem anos em janeiro próximo. Cem anos de solidão talvez. Essa sua prosaica e modorrenta solidão literária que, afinal, nem era tão desacompanhada assim. ■

Joaquim Ferreira dos Santos
joaquim.santos@globo.com.br

O Centenário de Rubem *Braga*

Rubem Braga, numa frase rápida, é o prazer de ler. Temos na literatura brasileira, graças a Deus, os grandes barões da língua, sujeitos formidáveis, mas, alguns, dados a regionalismos, outros a experimentalismos, e, outros tantos, a extensas obras de mergulhos profundos na identidade da época e no âmago dos personagens. Todos grandes, sem dúvida. De tempos em tempos, compreende-se melhor um ou outro. Os gostos variam de acordo com as épocas.

Rubem Braga vai atravessar todas as gerações. Suas crônicas falam dos detalhes, das cenas cotidianas, dos consensos da humanidade, e são embrulhadas uma a uma com um texto que veste a roupa da língua comum. Você vai se encontrar dentro delas. Parece coloquial, parece papo de esquina, parece que ele está ali conversando com a gente. Evidentemente trata-se de um amigo com uma delicadeza verbal que, sem pompa, é superior a nossa.

Estamos comemorando em 2013 o centenário desse grande escritor, nascido em 12 de janeiro de 1913, em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, e a quem se convencionou chamar, com toda a razão, de o inventor da moderna crônica brasileira. O gênero já existia, vinha desde José de Alencar, passara pela maestria de Machado de Assis, a cariquire peripatética de João do Rio. Foi Rubem quem lhe acrescentou lirismo poético e a influência, bem humorada e coloquial, dos modernistas de 1922. É o formato que a gente conhece hoje, por exemplo, em textos de Veríssimo.

A crônica tem sido o primeiro passo de várias gerações de brasileiros pelas veredas da leitura. São pequenas, cotidianas, zero de pretensão literária, buscando acima de tudo o prazer de alguém estar diante de um texto bem escrito e inteligente.

Rubem Braga é autor de crônicas que hoje se alinham entre os clássicos brasileiros, ombreiam-se com “Dom Casmurro”, “Triste fim de Policarpo Quaresma” ou “Sagarana”. Ele é o autor de “Ai de ti,

Copacabana”, “Aula de inglês”, “Borboleta amarela” e dezenas de títulos, todos escritos originalmente para jornais e revistas, e que têm aquele sabor único, reconhecível às primeiras linhas.

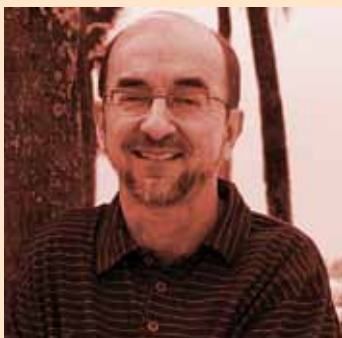
O autor não se coloca acima do leitor. É um texto elaborado com as mais delicadas especiarias ao dispor de um escritor, embora o resultado seja o de uma falsa simplicidade. É literatura da melhor qualidade, mas ninguém precisa ter medo. Além de gostosa de ler, outra dádiva, parecia fácil de fazer. Muita gente boa começou a escrever no Brasil animada pela falta de pretensão que sentia nos textos de Braga. Ótimo – mas escrever simples é difícil.

Nosso homem-centenário é o autor que misturou a roça de sua infância no Espírito Santo com as cenas cosmopolitas do Rio de Janeiro, para onde se mudou a partir dos anos 1930. Ele partiu do princípio dos mestres, a de que é falando de sua aldeia que um escritor pode ser internacional. Em alguns momentos, como é típico da crônica, Rubem Braga partiu do próprio umbigo, sempre na primeira pessoa, mas tornava isso uma experiência possível de ser compartilhada com os leitores geograficamente mais distantes.

Dos grandes autores brasileiros de prosa, ele é o único a não ter escrito um romance. Aventurou-se em alguns poemas, poucos. A obra de RB é exclusivamente de crônicas, um repertório de mais de 20 mil delas, tendo as melhores sido selecionadas, por ele próprio, para uma dezena de livros (“O conde e o passarinho”, “Recado de primavera”...) que vivem sendo relançados.

O texto gostoso do autor, melancólico às vezes com o destino dos homens, apaixonado pela visão das mulheres, é constantemente feliz com a percepção de que o melhor da vida é o abraço do homem à natureza, o pé no chão e a capacidade de entender a beleza e a sabedoria no vôo de uma borboleta amarela pelo centro maluco da grande capital. ■

(Especial para o Caderno D)



Joaquim Ferreira dos Santos é jornalista, curador da exposição Centenário de Rubem Braga, cronista e colunista do jornal O Globo

TEATRO

Festival

Se para escrever bem é indispensável ler bons textos, para fazer bom teatro é fundamental ver bons espetáculos. A comparação parece banal, mas é importante numa cidade como Vitória, onde raramente se vê produções de grande impacto, daquelas de encher os olhos e o coração, como as que são capazes de motivar alguém, principalmente os jovens, a escolher o teatro como opção de vida ou de levar os jovens a dizerem: “É isso o que eu quero fazer na vida!”.

Exagero? Nem tanto, pois é assim que muitas vezes se decide a escolha profissional na área das artes cênicas. Ou pelo menos era há algumas décadas, quando eu e muitos de meus colegas de geração decidimos fazer teatro. Aqui mesmo, em Vitória, nos primeiros anos após a reconstrução do Teatro

Carlos Gomes, concluída em dezembro de 1970, período rico para o teatro no Espírito Santo... Hoje, com a presença cada vez mais forte da televisão no dia-a-dia de todos, mudou a referência. Nossos jovens estudantes de teatro, hoje, sonham mais com o brilho da telinha do que com as luzes da ribalta...

Que ninguém veja nessa afirmação algum demérito. Afinal, ver bons espetáculos não basta para fazer o bom teatro (no sentido do que arrebatada). Claro que é preciso reconhecer e ver com respeito o esforço de quem luta contra uma série de limitações para fazer seu teatro possível. Mas se sabe também que sempre é viável aliar escassez de recursos com uma boa dose de criatividade e dar a volta por cima. Um bom espetáculo, para a maioria dos espectadores, é aquele que nos



Luiz Tadeu Teixeira é jornalista, ator e diretor de teatro



“Romeu e Julieta” – MG



“Partituras” - ES,

Luiz Tadeu Teixeira

lutalte@terra.com.br

de Teatro em Vitória

envolve e nos leva num voo mágico, por meio da emoção ou do humor, incentivando ou não a reflexão. E isso é possível num palco vazio, apenas com o talento e a criatividade de um elenco afinado que utiliza ou não um texto dramático.

Por que esta digressão se o objetivo deste texto é abordar o Festival Nacional de Teatro Cidade de Vitória, cujo oitava edição aconteceu em outubro passado? Eis a questão... É preciso valorizar eventos como esse, pois resultam em valioso intercâmbio com profissionais visitantes que nos trazem a possibilidade de conhecer um pouco da realidade teatral de seus respectivos Estados. E isso vale tanto para os espetáculos como para oficinas, palestras e debates que nos são oferecidos nessas ocasiões. O intercâmbio nos permite

um contato valioso com a realidade de outros Estados, alguns cuja tradição teatral até equivale à do Espírito Santo. Dessa aproximação podem sair novos conhecimentos e soluções que nos serão úteis. Fazer isso exclusivamente com gente do Estado nessas ocasiões não é o caso, pois o contato com profissionais já ocorre permanentemente pelo simples fato de viverem no Espírito Santo.

Como nem todos podem viajar com frequência para fora do Espírito Santo, dificilmente teríamos outra chance de assistir a montagens de grupos como o Galpão de Belo Horizonte, que este ano nos trouxe o maravilhoso "Romeu e Julieta", seu trabalho de maior repercussão (até internacional), mantido brilhantemente há anos no repertório. Este é apenas um exemplo,

aproveitando a oitava edição do Festival de Vitória. Em anos anteriores recebemos os grupos Armazém (que começou no Paraná e depois se estabeleceu no Rio); o Grupo Tapa, de SP; a Companhia do Latão, também de SP; além de montagens criadas por diretores de prestígio como Antunes Filho, Gerald Thomas e Aderbal Freire, entre outros.

É preciso sempre aproveitar ocasiões como o Festival Nacional de Teatro de Vitória e reivindicar que outros eventos do tipo sejam programados; que espetáculos desprezados para temporadas em Vitória por terem aparentemente pouco apelo comercial tornem-se acessíveis a todos, artistas e público, que assim poderão se atualizar com o que se faz de melhor no teatro brasileiro. ■



"Uma Carta para Alice" - ES



"Musicircus" - MG

CULTURA PRESENTE

Do outro lado das pontes: novas *perspectivas* socioculturais nas periferias do Espírito Santo



Robyson Vilaronga
é Fotógrafo e
Gestor de Projetos
do Programa Rede
Cultura Jovem

Pensar a respeito dos investimentos públicos nas áreas artístico-culturais e sociais em territórios (periferias) antes vistos como cantos obscuros das cidades – supostamente repletos de traficantes, afastados do “progresso”, com esgotos a céu aberto e com nenhuma produção cultural significativa (sic!) – é uma necessidade latente nos grandes centros urbanos da sociedade contemporânea. Não por estes locais dependerem de uma ação caridosa do Estado, mas pela real situação destes, as comunidades suburbanas se multiplicaram e carregam junto a elas transformações contemporâneas, proporcionadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, onde o espaço físico não se caracteriza mais pelo distanciamento do sujeito de seu habitat; pelo contrário, as suas nuances, suas particularidades, suas arquiteturas, suas cores e sua sonoridade complexa passam a ser elemento constitutivo da sua estrutura subjetiva como sujeito social.

No recorte desse palco, a Secretaria de Estado da Cultura do Espírito

Santo desenvolve o Projeto Cultura Presente, cujos objetivos ultrapassam o apoio financeiro a pessoas e grupos, mas também o investimento simbólico, seja no real/virtual das populações moradoras e/ou oriundas das periferias do Espírito Santo. O projeto Cultura Presente enxerga as periferias não mais como um espaço cartesiano, moldado aos mapas geográficos tradicionais – ou aqueles apontados no Google maps, mas um espaço fenomenológico, espaços sublimados aos asfaltos, subentendidas do outro lado das seis pontes que interligam a capital aos municípios vizinhos.

Hoje, é inadmissível pensar que o tudo que ocorre nestas comunidades é algo natural, que acontece do nada... que é apenas um conglomerado de casas sobrepostas, interligadas por um ninho de fios elétricos, com faixas do último baile funk amarradas de uma cerca a outra das quadras de futebol... enfim, tudo faz parte da conjuntura política, econômica, social e principalmente cultural dos moradores destas regiões, onde a troca de conhecimentos simbólicos, a produção

Robyson Vilaronga
robysolvilaronga@gmail.com

e o acesso à cultura é uma constante no cotidiano. Dito isso, compreende-se que as periferias formam um extraordinário e particular movimento de formatos, pontos de vista, modo de organização espacial e criatividade para tocar a vida dentro das cidades modernas.

Hoje, atuamos nos municípios de Cariacica, Serra, Vitória, Vila Velha e Viana. As comunidades oferecem um potencial de experimentação espetacular para os participantes, moradores, técnicos e gestores (que hoje envolvem oficinas de DJ, Teatro, Dança, Capoeira, Lira e Tecido; espetáculos de Teatro e Dança de Rua; shows musicais; disputas de Hip Hop; apresentações da Orquestra Filarmônica do Espírito Santo; circo itinerante; e sessões de cinema na Praça), que sempre reforça a necessidade de se pensar em novas formas de atuar e se comunicar nestes territórios.

Neste formato de Gestão, Incentivo e Divulgação das culturas populares estamos balizados a partir das reuniões coletivas, onde no mesmo espaço reunimos líderes comunitários, estudantes, dançarinos, vereadores, pagodeiros, donas de casa, funkeiros, funcionários do Estado e das prefeituras, grafiteiros, violinistas, manicures e todos os outros tipos de atores sociais para uma conversa em torno dos bens públicos.

O Projeto Cultura Presente será implantado em três fases, a atual e a segunda nos municípios citados acima e a terceira abrangendo localidades no interior do Estado. Nossa intervenção deve acompanhar as especificidades de todos os territórios, sem impor um falso conceito de cultura e arte a estas pessoas, nosso objetivo é reavivar a cultura capixaba legítima – diversificada, complexa e rica. ■



CULTURA JOVEM

A *Cultura* da Rede

Com intuito de fomentar, fortalecer e ampliar a produção cultural desenvolvida por jovens em todo o território capixaba, em novembro de 2009, por meio do Seminário Rede Cultura Jovem - “O Espírito de um tempo”, foi lançado o Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ).

A equipe que deu início às tarefas de mobilização era composta, em sua maioria, por jovens recém saídos da universidade. Empenhados em desenvolver propostas que de fato fossem relevantes para a cultura capixaba, a equipe buscou mapear a identidade do público alvo do programa e suas

demandas. Para tanto foram lançadas as primeiras ações do PRCJ - os Editais Rede Cultura Jovem -, com a finalidade de dar suporte a projetos artístico-culturais, e a primeira turma de Agentes Cultura Jovem (ACJ), visando formar um novo perfil de mobilizadores culturais no Estado.

A procura pelo edital e o interesse pela Formação ACJ foi surpreendente e viu-se que havia uma grande expectativa pela continuidade de ações como as que o programa acabara de lançar. Passado o tempo, o PRCJ se consolidou e tornou-se um importante instrumento da política pública cultural



Kênia Lyra é Coordenadora do Programa Rede Cultura Jovem



Kênia Lyra

coordenacao@redeculturajovem.com.br


do Estado do Espírito Santo. Em três anos de execução foram 210 projetos contemplados pelos Editais RCJ e mais de 1000 projetos oriundos de todo o território capixaba enviados ao programa.

O PRCJ utiliza como conceito básico o sistema de lógicas colaborativas - utilizadas como metodologia para incentivar as juventudes a compartilhar suas experiências, seus produtos artísticos e suas capacidades, formando assim um processo de transitividade. O acionamento da Rede foi iniciado com a ampliação dos espaços virtuais e físicos de convivência e relacionamento - as

conexões. Essa Rede iniciou um processo transformador do cenário local, aglutinando os jovens em torno de objetivos comuns com a finalidade de fortalecer o movimento cultural como um todo.

Além de ações de Fomento e Formação, o Programa desenvolve projetos de Difusão e Comunicação - direcionados à circulação dos produtos culturais produzidos pelas juventudes capixabas; fomento à produção de conteúdo pelo público do PRCJ e incentivo a conexões e utilização da web e de outras tecnologias comunicacionais como ferramentas de maior visibilidade às expressões

das juventudes. Dentre os produtos do Programa, produzidos com a mesma lógica colaborativa, pode-se citar o Portal Yah! - principal veículo de comunicação do PRCJ com seu público alvo; a Revista Nós - atualmente em sua 5.ª edição; e o Yah! TV - programa de televisão realizado em parceria com a TVE.

Enfim, o PRCJ fortalece a rede jovem da cultura no Estado. Em processo de institucionalização da Rede, a Secretaria de Estado da Cultura, objetiva a continuidade do apoio as políticas de fomento e formação do jovem ao fazer cultural. 



DIVERSIDADE CULTURAL

Assuntando bem, os

O projeto piloto ASSUNTANDO O CORPO DE BAILE, realizado pela SECULT, tem como fundamento a articulação entre os mais variados saberes populares e acadêmicos. Nesta experiência foram abarcados os conhecimentos de dança afro dos mestres de comunidades quilombolas do Sapê do Norte-ES e dos professores de dança da FAFI. As oficinas de dança foram desenvolvidas por uma dupla mestre/professor com adolescentes, jovens e adultos das comunidades quilombolas de Linharinho (Conceição da Barra) e de São Cristóvão (São Mateus).

A proposta destacou que os saberes dos mestres e dos professores da FAFI são equivalentes, sem hierarquia entre eles. Por isso, todos foram pagos com isonomia. Para que houvesse trocas de experiências, foram realizadas residências intercambiadas entre as distintas realidades e a partir disso as aulas foram planejadas seguindo um princípio: os mestres não deveriam mudar a sua forma de transmissão de saberes para os moldes da escola, pois se entendeu que seus saberes são sistematizados pela linguagem oral e corporal. Este fundamento não desconsidera a

importância da linguagem escrita. Trata-se, porém, de não colocá-la em patamar mais elevado em relação a outras linguagens igualmente importantes.

Nas oficinas, o mestre assumia a regência tocando seu tambor acompanhado de seus parceiros enquanto as mulheres dançavam o jongo. No início o batuque era compassado, mais lento, até atingir um ritmo mais acelerado, anunciado pela cantoria do mestre no “alvorôça-alvorôça”. O professor de dança aproveitava o momento para destacar que tal ato é nominado, na dança contemporânea, por “aquecimento”. Ou seja, usam-se semânticas distintas para o mesmo feito.

Ao som dos tambores e do reco-reco o professor apresentava movimentos de dança relacionados ao trabalho camponês, como o corte de cana, o uso do pilão e da peneira, o plantio e a colheita, a pesca e outros movimentos do gênero. Em contrapartida havia a intervenção imediata do mestre comparando o que acabara de ser apresentado com movimentos parecidos existentes no Baile de Congo, como o verso de corpo de baile e as guerras travadas de espadas, ou ainda



Jefferson Gonçalves Correia é Assessor de Patrimônio Imaterial da SECULT e coordenou o projeto ASSUNTANDO

Jefferson Gonçalves Correia

goncalvescorreia.je@gmail.com

saberes se encontram

outros movimentos do Reis de Boi e de outras expressões culturais de seu domínio. Com isso, os coletivos envolvidos criaram roteiros coreográficos que “incorporaram a tradição e a disseminaram para o mundo por meio da dança”.

No decorrer das aulas, os participantes das oficinas foram estimulados a escrever em grupos suas reflexões sobre o que estavam ASSUNTANDO com o desenvolvimento do processo. Assim relataram que “através da dança e da capoeira era também apresentada a indignação pela forma como nosso povo veio trazido da África para o Brasil. E hoje nós estamos desfrutando dos costumes que são nossos e que estavam sendo esquecidos”. Para outro grupo “o jongo é uma valorização da cultura afro, que nossos antepassados se divertiam e reivindicavam com a dança”, que “o batuque do tambor levanta tudo, esquentando a veia e deixa todo mundo cair na dança” com “ginga, swing e muito axé”.

Enfim, ASSUNTANDO foi uma criação coletiva, uma prova de que o diálogo proposto entre diferentes saberes e gerações é possível e, por isso, experiências como esta devem ser estimuladas. ■



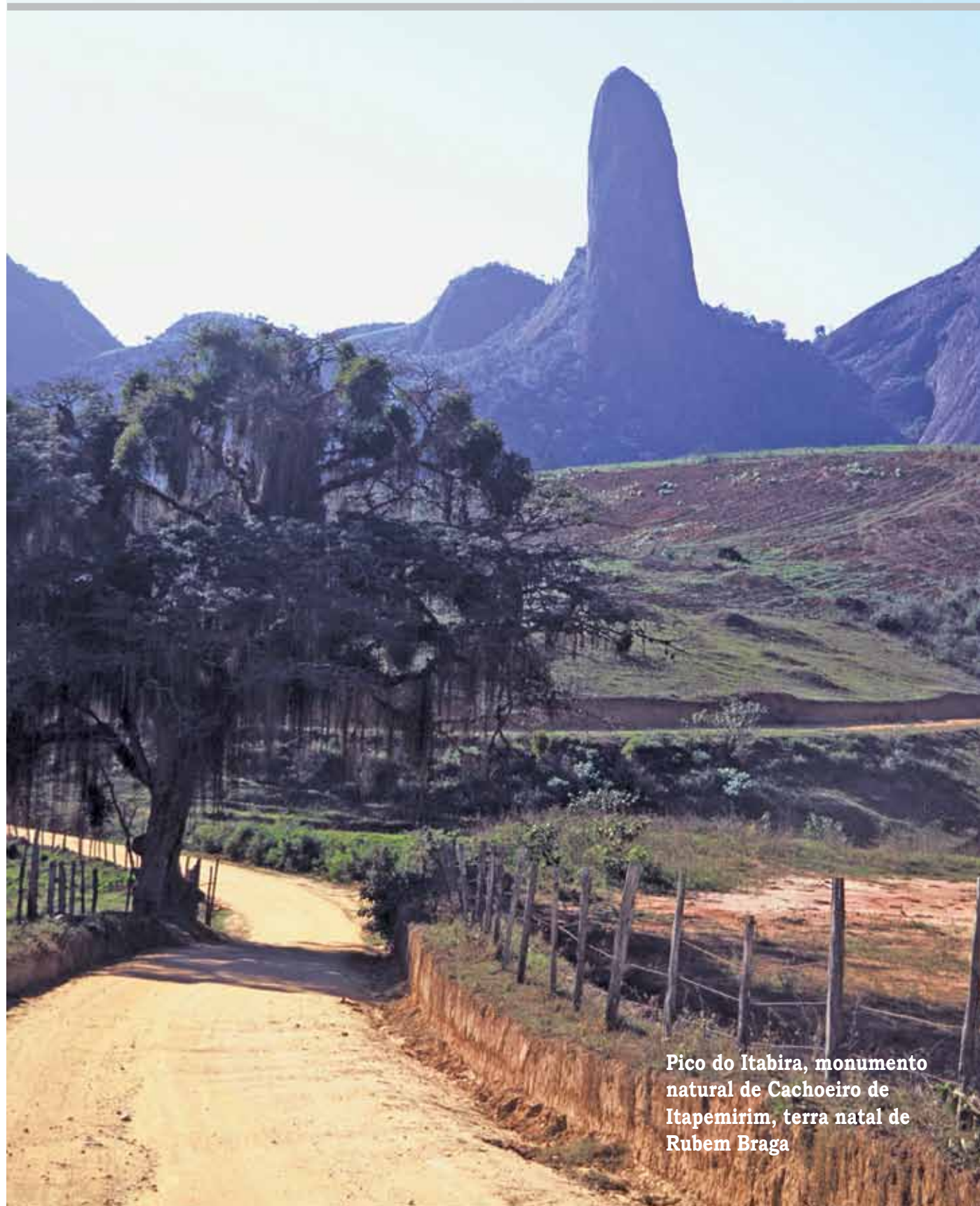
Foto de João Carlos Coutinho



FOTO

Carlos Antolini

carlosantolini@hotmail.com



Pico do Itabira, monumento natural de Cachoeiro de Itapemirim, terra natal de Rubem Braga